

Os Invernos dos pescadores poveiros nos tempos idos

por JOÃO PINHEIRO CADILHE

O «correr a praia»

Naquelle tempo, antes da emigração dos pescadores poveiros para o Brasil, quando estes verificavam, pelos «astros» (1), que ia haver «rebojada» (2), os barcos recolhiam ao porto da Póvoa, onde varavam, à espera de melhor ocasião para poder continuar a faina da pesca.

Durante a invernia que se seguia, com fortes ventanias e chuvas torrenciais, era costume dos pescadores irem «correr a praia» em busca de madeiras, troncos de árvores, cargas dos batelões afundados, que as cheias arrastavam, rio abaixo, e o mar arrojava à costa.

Levantavam-se alta madrugada, envergando os seus fatos de oleado para os resguardarem da chuva, e iam apanhando pela praia, aqui e além, a lenha e a gravulha que se lhes deparava. Algumas vezes, acontecia encontrarem uma pipa de vinho intacta e, então, era o cabo dos trabalhos, porque alguns, não resistindo à tentação, resolviam o problema fazendo um rombo no casco bojudo da pipa, e, sem quererem, a bebida era certa, inevitável, com todas as suas consequências. O resto era carregado em cântaros para casa pelos mais precavidos, antes que chegasse a guarda fiscal (muitas vezes, esta fechava os olhos).

(1) Estado do Céu, direcção e qualidade das nuvens.

(2) *Rebojada* ou *reboja*, forte agitação do mar.

O «fazer das redes»

Durante o rigor do Inverno, os pescadores poveiros, à falta de outros trabalhos, iam fazendo as suas redes, consoante a modalidade da pesca a que se entregavam, não só para substituir aquelas que se perdiam no mar, como as que iam ficando velhas pelo uso.

Lembro-me bem de que, para a minha casa, era costume virem cinco ou seis jovens pescadores, amigos dos meus irmãos mais velhos, com as suas redes, denominadas «quinhões da saradinha», já começadas, dentro das respectivas ceiras, e o novelo ou novelos de fio que lhes era entregue pelos pais, como tarefa daquelle dia. Só depois de acabada essa tarefa, é que lhes era permitida a folga, que eles aproveitavam, indo para a praia jogar a «boiada» (1) por entre flocos de espuma que, por vezes, os cobriam por completo. Quando um deles se atrazava, e os outros não podiam ajudar a acabar a tarefa, o resto do fio era guardado e servia, depois, para deitar ao ar o meu papagaio ou estrela, se eu guardasse segredo.

As redes eram presas a uma grande caixa, e todos, com ligeireza incrível, à porfia, sem se conseguir ver por onde enfiavam a agulha, faziam crescer a rede e diminuir o fio.

Como eu era o mais novo (nove a dez anos de idade), cabia-me a tarefa de encher as agulhas e de, nos intervalos, encarrapitado em cima da caixa, ler para eles a história de *Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, que eles muito apreciavam, pela valentia dos cristãos e das suas vitórias, fantásticas, sobre os infiéis.

Quando a leitura chegava ao ponto de Roldão ou Oliveiros dar uma cutilada num infiel, que o escachava até ao peito, o delírio era tal que se levantavam para dar largas ao seu entusiasmo, sem, contudo, deixar o trabalho, pois era preciso acabar o fio para ir jogar a «boiada».

À chuva caía a potes, se Deus a dava, fustigada pelo forte Sudoeste, e, quando a carga da chuva era maior, costumava dizer-se: «vai saltar o vento ao Noroeste», e saltava mesmo.

Era nestas ocasiões que o *pai de rapaz* (2), com voz forte, pelo largo postigo da porta, soltava o antipático aviso: *varar o*

(1) O jogo da *boiada* assemelhava-se ao que hoje se chama Oquei, mas sem árbitro. O *boio* era um pião ou *zocha* (pião mais atarracado e mais bojudo) a que se tirava o ferrão. Os instrumentos do jogo consistiam em *chamas* dos remos ou em cacheiras. Como eram desiguais, tiravam-se à sorte para os dois partidos contendores.

(2) *Pai de rapaz* era o encarregado de transmitir as ordens do mestre.

barco. Que maçada ter de envergar o fato de oleado e enfrentar o vendaval na praia! Mas o mar era *um milhão de maresias* e de noite calhava ser maré cheia de águas vivas, que podia causar avarias grossas nos barcos, ou até destruí-los, e, para evitar esses possíveis prejuízos, fazia-se mister varar os barcos mais para cima, o que representava um trabalhão, por causa do grande número, que então havia. Tornava-se necessário arrumá-los para os lados, a fim de dar passagem àquele que se pretendia varar. O trabalho devia ser feito o mais depressa possível, para aproveitar o *jés* (1). Depois do que, o mestre, satisfeito, por ver o seu barco em segurança, dizia para os companheiros: rapazes, amanhã, é sábado, vamos *beber a companhia* para a venda do tio Pelica. Com este Inverno é que sabe bem beber duas pingas, porque no fim deste *rebojo*, quando Deus der tempo bom, quem chegar às costas do Sul, lá para o mar de entre as Casas e a Torreira, por fora dos *curveiros* (2) e encontrar duas *manchadas de água amarela* (3) carrega de sardinha, só num lanço, e então já se paga esta bebida. Todos ficavam satisfeitos com a resolução do mestre.

O «beber a companhia»

Sábado à noite, a véstia ao ombro, o prato do presigo e o pão, amarrados pelas quatro pontas de um guardanapo, na mão que fica debaixo da véstia, encaminhavam-se uns após outros para a venda do tio Pelica, onde encontravam mesas de pinho compridas e bancos de igual tamanho, próprios para aquelas ocasiões, que eram muito frequentes. Já sabiam, pelo costume, que tinham direito a uma camada de vinho cada um. Todos se sentavam à mesma mesa comendo e bebendo. As primeiras pingas, a conversa corria monótona, sem interesse, mas, depois, esquentavam os ânimos e, então, todos falavam, animadamente, ao mesmo tempo, em coisas do mar. Uns discutiam a próxima safra da pesca da pescada, enquanto outros falavam sobre o último carregamento de sardinha, no mar de Mira. Era o Francisco Cortiçada, que, todo entusiasmado, contava proezas ao Manuel Pequeno. — A *gorgulhada*, rapaz, era como a espuma da praia, a *mascataria* e o *par-*

(1) *Jés* era o espaço durante o qual não chovia, por o vento ter saltado ao Noroeste.

(2) *Curveiros* chamavam aos bancos de areia, onde o mar faz rebentação.

(3) *Água amarela*. Com o mexer do cardume, a areia vinha à superfície e dava à água um tom barrento.

delame agarravam-se à mão. Chegamos ao meio desse *jeito de mar* (1), larga o pano para baixo e *bota ao mar* (2).

Era a botar e a comer (3). Quando acabamos de largar, não se via um *boirel* (4) em cima, estava a caça toda no fundo.

Vamos a alar, a sardinha era tanta, que a rede não cabia pela *polé* (5): três, quatro milheiros, de boirel a boirel. Sacode que sacode, carregamos o batel e ainda tínhamos meia caça ao mar. Nisto, chega o tio João Pata, pega nas redes e ainda carregou a lanchoa.

Agora, é o Manuel Pequeno, que, impaciente, esperava uma abenta para entrar com a sua: — Nós, mal chegamos, arreia o pano e toca a botar ao mar a toda a força, mas o grosso da sardinha já se tinha escapado. Mesmo assim, ainda tomámos 50 ou 60 milheiros, nesse lanço; acaba de alar, rema a terra... Escuta, Oh! Como ella salta! Vamos apalpar: botámos dois quinhões, enquanto arrumavam a sardinha do lanço pesado. Ao levantar a rede — está cheia de sardinha. Bota para Nordeste o resto da caça. Quando fomos alar, era um louvar a Deus, acabámos de carregar, neste lanço. Vela para cima, vento Leste fresco, meia escota fora, toca a caminho do Norte, chegámos à barra da Póvoa e *esberzilhar* (6) o dia.

Era no regresso a suas casas que eles encontravam, quase sempre, as coisas ruins, como: corredores (lobisomens), transformados em grandes cães ou cavalos, que andavam a correr fado, bruxas em fralda de camisa, o diabo transformado em cabra ou porco, que os perseguiriam. Os corredores queriam que os picassem, para se acabar o seu fado; as bruxas faziam-nos parar, sem que pudessem dar mais um passo, para que as levassem a casa, o que eles faziam, por não ter outro remédio, carregando-as aos ombros. Ao depô-las à porta de casa, elas davam-se a conhecer, eram quase sempre pessoas conhecidas e já velhas. Então fa-

(1) *Jeito de mar* era um conjunto de aves marinhas que assinalavam os cardumes da sardinha, atirando-se à água para a apanhar.

(2) *Bota ao mar*, lançar a rede ao mar a toda a força.

(3) Ao passo que iam lançando as redes, a sardinha, que malhava, levava as redes e os boireis para o fundo, com o peso.

(4) *Boireis*, pequenas bóias que sustentavam as redes a certa distância da superfície para as não deixar pousar no fundo.

(5) *Polé*, rolo de madeira que rolava ao passarem as redes por cima auxiliando o alar a *Caça*, redes presas umas às outras.

(6) *Esberzilhar o dia*, manhã cedo, ao romper o dia, ao amanhecer.